



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

A GLOBALIZAÇÃO E OS POVOS INDÍGENAS KAINGANG DE ENGENHO VELHO/RS

LEONARA PIRAN FRIGERI

EIXO: 16. ARTE, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

RESUMO

Este artigo faz uma análise da globalização e seus efeitos na comunidade Indígena Kaingang do município de Engenho Velho/RS Brasil, a qual pertence a Reserva Indígena da Serrinha, que abrange terras de quatro municípios e está situada ao norte do Rio Grande do Sul (RS), no Brasil. A análise é embasada no conhecimento adquirido durante esses três anos como Secretária Municipal de Educação e Cultura e nesses 20 anos de trabalho nas escolas municipais de Engenho Velho, onde presenciei e acompanhei de perto, todo o processo de retomada da terra indígena pelos índios kaingang que hoje residem nessa reserva indígena. Por isso, serão usados nesse trabalho Giddens, Beck, Bauman, Lipovetsky e Stiglitz, por entender que esses autores podem ajudar a compreender e embasar as colocações descritas sobre o tema abordado.

Palavras-chave: Globalização. Comunidade Indígena Kaingang. Modernidade. **ABSTRACT**

This article is an analysis of globalization and its effects on indigenous community Kaingang the municipality of Old Mill / RS Brazil , which belongs to Indigenous Serrinha Reserve, which covers land in four counties and is located north of the Rio Grande do Sul (RS), in Brazil. The analysis is grounded in the knowledge acquired during these three years as Municipal Secretary of Education and Culture and in these 20 years of work in public schools in Old Mill , where I witnessed and closely followed the whole process of recovery of indigenous land by Kaingang Indians now reside in this Indian reservation . So they will be used in this work Giddens , Beck , Bauman , Lipovetsky and Stiglitz , understanding that these authors may help to understand and to support the settings described on the relevant topic. **Keywords:** Globalization . Kaingang Indigenous community .

Modernity.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise da globalização e seus efeitos na comunidade Indígena Kaingang que reside no pequeno município de Engenho Velho/RS Brasil, a qual pertence a Reserva Indígena da Serrinha, que abrange terras de quatro municípios e está situada ao norte do Rio Grande do Sul (RS), no Brasil. A análise aqui realizada é embasada no conhecimento adquirido durante esses três anos como Secretária Municipal de Educação e Cultura e nesses 20 anos de trabalho nas escolas municipais de Engenho Velho, onde presenciei e acompanhei de perto, todo o processo de retomada da terra indígena pelos índios kaingang que hoje residem nessa reserva indígena.

Sendo assim, nesses últimos 17 anos de contato com esse povo, participando de reuniões, visitas residenciais a famílias, devido ao meu atual cargo ou ao trabalho enquanto professora, conversas com pais, alunos, jovens e lideranças indígenas, pode-se perceber que aos poucos a globalização vem transformando a identidade cultural dessa comunidade indígena.

Por isso, serão usados nesse trabalho Giddens, Beck, Bauman, Lipovetsky e Stiglitz, por entender que esses autores podem ajudar a compreender e embasar as colocações descritas sobre o tema abordado.

1. A GLOBALIZAÇÃO E OS POVOS INDÍGENAS KAINGANG DE ENGENHO VELHO/RS

A população do mundo atual vive em tempos de mudanças. Muitas dessas mudanças acontecem de forma gradativa e de forma não tão veloz que chegam até serem imperceptíveis, enquanto outras são quase impossíveis de serem acompanhadas, tamanha é sua velocidade de transformação, um exemplo claro dessas mudanças são os avanços tecnológicos, que acontecem numa velocidade impressionante. Con eso, Lipovetsky (2014, p. 05) destaca algunos problemas como: "la conmoción de la sociedad, de las costumbres, del individuo contemporáneo de la era del consumo masificado, la emergencia de un modo de socialización y de individualización, que rompe con el instituido desde los siglos XVII y XVIII". Sendo assim, essas transformações também atingem a população indígena Kaingang do município de Engenho Velho.

Lipovetsky (2014) considera o conceito de personalização como um processo correspondente ao estímulo a uma sociedade baseada na informação e no estímulo das necessidades pessoais. Menos controle e mais flexibilidade das relações humanas levando cada vez mais para o espaço público as

emoções privadas e mais íntimas, muitas vezes, manifestadas através das tecnologias nas redes sociais, como o Facebook ou WhatsApp, que também adentraram na reserva indígena com muita força e o mundo da globalização permeia as casas e aos poucos vem influenciando e modificando a cultura do povo Kaingang.

Passou-se a considerar uma nova forma da sociedade se organizar na qual as instituições se guiam mais pelos desejos, livre dos regulamentos e das regras embora esta nova ordem seja, em si, uma nova regra estabelecida. No lugar do indivíduo submetido às regras sociais, há um estímulo desenfreado ao “direito de ser ele mesmo” em detrimento das relações com o outro e com a sociedade. Para Giddens (1993, p.18):

Las formas de vida introducidas por la modernidad arrasaron de manera sin precedentes todas las modalidades tradicionales del orden social. Tanto en extensión como en intensidad, las transformaciones que ha acarreado la modernidad son más profundas que la mayoría de los tipos de cambio característicos de períodos anteriores.

Percebe-se então uma aldeia indígena que pouco a pouco se miscigena com os não indígenas, agregando seus valores e esquecendo os princípios de seu povo, pois o individualismo e os interesses próprios prevalecem diante dos interesses da própria comunidade e de sua cultura. Muitos espaços que antes tinham sentido e significado a esse povo, hoje já não são tão importantes, assim como afirma Bauman (2012, p.111-112) “Los espacios vacíos están primordialmente vacíos de sentido. No es que sean insignificantes por estar vacíos, sino que, por no tener sentido y porque se cree que no pueden tenerlo, son considerados vacíos (más precisamente, no visibles)”, pois as gerações mais novas estão utilizando e construindo novos espaços. É o chamado direito de ser si mesmo, de aproveitar a vida ao máximo levando a uma super valorização da personalização do indivíduo em outra forma de individualismo.

“A sociedade moderna era conquistadora, acreditava no futuro, na ciência, na técnica” (Lipovetsky, 1983, p. 9). Na sociedade pós-moderna, as pessoas querem viver o momento atual, aqui e agora, uma sociedade que “no tiene ni ídolo ni tabu, ni tan solo imagen gloriosa de sí misma, ningún proyecto histórico movilizador, estamos ya regidos por el vacío” (Lipovetsky, 1983, p. 9-10). A cultura pós-moderna é voltada para o aumento do individualismo, busca sempre diversificar as opções de escolha, fazendo com que a cada dia que passa as pessoas tenham mais opções de escolha sobre tudo, cultivando uma sociedade extremamente consumista levando as pessoas a perderem a visão crítica sobre os objetos e valores que estão a sua volta, ou seja, uma sociedade cada vez mais líquida como menciona Bauman (2012, p.07), porque “sufren un continuo cambio de forma” estando sempre em transformação. Sendo assim, esta sociedade pós-moderna está fazendo com que a população indígena Kaingang, esteja (re)construindo uma nova identidade cultural, mediada pelas tecnologias que adentraram as suas casas, principalmente através dos telefones móveis e da televisão a cabo ou aberta, sendo abocanhados sutilmente pelo mundo da globalização, do individualismo e do consumismo.

Para Bauman (2012), modernidade líquida é a época atual em que vivemos. É o conjunto de relações e instituições, além de sua lógica de operações, que se impõe e que dão base para a contemporaneidade. É uma época de liquidez, de fluidez, de volatilidade, de incerteza e insegurança. É nesta época que toda a fixidez e todos os referenciais morais da época anterior, denominada pelo autor como modernidade sólida é retirada de palco para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade. Devido a tudo isso e a idéia de facilidades transmitida através dos meios de comunicação, que cada vez mais essa comunidade indígena muda sua forma de viver, consumindo muito mais, adquirindo bens e serviços até então considerados desnecessários a essa comunidade, que tinha outros valores construídos, na ânsia de se parecer com aquilo que é transmitido nos meios de comunicação de massa e aos valores impostos pela globalização. O amor e o respeito ao meio ambiente, a sua cultura, a sua religião, a sua raça, a sua língua e até a sua forma de se vestir estão visivelmente mudadas, pois tem até indígenas que tem vergonha se serem indígenas e por isso não admitem ser indígenas.

Bauman (2014) usa o termo conexão para descrever as relações frágeis. A conexão é frágil porque o sujeito líquido lida com um mundo de consumo e opções, mas esse mundo nunca é objetivo e frio, ele ainda causa frustrações e insegurança. O sujeito líquido não tem mais referenciais de ação: toda a autoridade de referência é colocada em si e é sua responsabilidade construir ou escolher normas a serem seguidas – tudo se passa como se tudo fosse uma questão de escolher a melhor opção, com melhores vantagens e, de preferência, nenhuma desvantagem. Com isso, a identidade da população indígena Kaingang do, vai sutilmente se transformando e com o passar do tempo, quando menos se derem conta muitas coisas de sua cultura e modo de viverem importantes para sua identidade cultural, por exemplo, seu idioma, já foram esquecidas ou até perdidas, sendo engolidos por essa sociedade líquida e globalizada que desterritorializa as pessoas. Bauman (2014, p.19-20) destaca também:

[...] Para que el poder fluya, el mundo debe estar libre de trabas, barreras, fronteras fortificadas y controles. Cualquier trama densa de nexos sociales, y particularmente una red estrecha con base territorial, implica un obstáculo que debe ser eliminado. Los poderes globales están abocados al desmantelamiento de esas redes, en nombre de una mayor y constante fluidez, que es la fuente principal de su fuerza y la garantía de su invencibilidad. Y el derrumbe, la fragilidad, la vulnerabilidad, la transitoriedad y la precariedad de los vínculos y redes humanos permiten que esos poderes puedan actuar.

Sendo assim a globalização surgiu como uma espécie de tábua de salvação para muitos problemas mundiais, como que poderia ajudar a resolvê-los. Para Stiglitz (2002), a globalização, liderada pelas instituições internacionais, como o Banco Mundial e o FMI, tinham a promessa de melhorar o mundo, mas isso não se concretizou. O compromisso do Banco Mundial e do FMI com os mercados livres como ideologia levou a muitos erros, em alguns casos drásticos, à custa dos pobres. O problema não é a globalização em si, mas a maneira como está sendo promovida e administrada. Stiglitz (2002, p.62-63) destaca:

La globalización en sí misma no es buena ni mala. Tiene el poder de hacer un bien enorme, y para los países del Este asiático, que han adoptado la globalización bajo sus propias condiciones y a su propio ritmo, ha representado un beneficio gigantesco, a pesar del paso atrás de la crisis de 1997. Pero en buena parte del mundo no ha acarreado beneficios comparables. Y a muchos les parece cercana a un desastre sin paliativos.

Stiglitz (2002, p.45) define a globalização como

[...] es la integración más estrecha de los países y los pueblos del mundo, producida por la enorme reducción de los costes de transporte y comunicación, y el desmantelamiento de las barreras artificiales a los flujos de bienes, servicios, capitales, conocimientos y (en menor grado) personas a través de las fronteras [...].

O processo de globalização não é intrinsecamente ruim, mas tem sido acompanhado de políticas que têm causado mais danos do que benefícios aos países em desenvolvimento, entre as quais austeridade fiscal, altas taxas de juros, liberalização do comércio, liberação dos mercados de capitais, privatização e reestruturação do mercado financeiro, processo esse que afeta a todos, inclusive a população indígena Kaingang do município de Engenho Velho, que na ânsia de consumir mais se tornam cada vez mais pobres, onde muitos sobrevivem dos benefícios sociais que recebem do governo e algumas famílias chegam a passar fome, porém andam com roupas de marca e com telefones de última geração, pois é o que lhes interessa no momento devido a essa influência externa que recebem.

Segundo Stiglitz (2012), essas políticas econômicas são resultado de um compromisso ideológico para liberar mercados que é quase dogmático, especialmente no âmbito do FMI. Ele acredita que o FMI tende a agir segundo os interesses dos credores e das elites ricas em detrimento dos pobres, e que não é suficientemente aberto para as visões e perspectivas destes últimos. Com isso surge o conceito de sociedade de risco que se cruza diretamente com o de globalização: os riscos são democráticos, afetando nações e classes sociais sem respeitar fronteiras de nenhum tipo.

Os processos que passam a delinear-se a partir dessas transformações são ambíguos, coexistindo maior pobreza em massa, crescimento de nacionalismo, fundamentalismos religiosos, crises econômicas, possíveis guerras e catástrofes ecológicas e tecnológicas, e espaços no planeta onde há maior riqueza, tecnificação rápida e alta segurança no emprego. Dentro da reserva indígena Kaingang, pode-se perceber claramente essas diferenças e a pobreza em massa, onde apenas algumas famílias vivem bem e usufruem dos confortos propiciados no século XXI, como carro do ano, telefone móvel último lançamento, roupas de marca, equipamentos e eletrodomésticos modernos, etc. e a grande maioria das famílias mal tem condições de comprar sua própria alimentação, algumas chegando até a passar fome.

O risco só se torna um risco quando as pessoas tem a percepção dele, isso já dizia Beck em 2000. Então, pode-se considerar um risco a extinção gradativa do idioma Kaingang, pelo menos, considerando-se a população da reserva indígena Kaingang do município de Engenho Velho, pois mesmo sendo ofertados nas escolas aulas para preservação

desse idioma, muitos indígenas só frequentam essas aulas porque são obrigados pelos pais e muitos nem sendo obrigados não querem frequentar. Sendo que essa oferta também foi um pedido da comunidade indígena, pois é sabedora da importância da conservação do idioma para a identidade cultural desse povo. Para Beck (2000, p.11) "Ahora que 'nosotros' sabemos que 'hay' posibles riesgos, 'nosotros' asumimos una responsabilidad. Esta responsabilidad toma forma de decisión [...]", ou seja não só o poder público tem responsabilidade, como também a comunidade indígena para a preservação de sua identidade cultural. Também, para BECK (2000, p.11).

El concepto de riesgo invierte la relación entre pasado, presente y futuro. El pasado pierde su poder para determinar el presente. El lugar que ocupa como causa de la experiencia presente es ocupado por el futuro, es decir, por algo inexistente, construido y ficticio. Debatisimos y discutimos acerca de algo que no sucede pero que podría ocurrir si seguimos caminando en la misma dirección.

Como diz Beck (2000), não se pode continuar pensando alternativas com velhas categorias. A sociologia como disciplina deveria transformar-se, procurando novas teorias, hipóteses e categorias, para evitar converter-se numa "loja de antiguidades especializada na sociedade industrial" e para poder orientar as transformações dos fundamentos das instituições da modernidade. O conceito de sociedade de risco permitiria a compreensão da modernização reflexiva e, por isto, também entender o caminho pelo qual as soluções devem ser formuladas. Giddens (1993) menciona os sistemas peritos que também ajudam a prevenir os riscos e evitar desastres.

Os Sistemas peritos surgem como resultado das revoluções científicas e o aumento em conhecimento técnico e o consequente aumento na especialização. Por causa da sua afirmação de suas formas de conhecimento "científica" e "universal" estes sistemas especialistas não são dependentes de um contexto e podem, a partir disso, estabelecerem relações sociais através de grandes períodos de tempo e espaço. As sociedades modernas passaram a confiar nestes Sistemas Peritos. As vacinas são um exemplo de sistemas peritos que já adentraram na comunidade indígena Kaingang a muitos anos atrás, pois estão em constante movimento, visitando vários povos e em diversos lugares, havendo a necessidade de serem vacinados a fim de prevenir muitas doenças até então desconhecidas e que não atingia essa população. Mais um aspecto que vem da globalização.

A sociedade de risco preocupa-se muito com os riscos advindos da própria natureza do processo de industrialização, de efeitos perversos ou contraditórios como a contaminação da água e do ar, envenenamento alimentar, ameaça de explosão nuclear. O que para o Beck (2000) é uma espécie de barreira paradoxal da plena modernização da sociedade no seu conjunto, no âmbito da segunda modernidade, porém faz-se necessário pensar também nos aspectos sociais e culturais dessas comunidades interioranas que sofrem a influência e são transformadas pela globalização, sem saber para onde vão nem em que estão se tornando.

Beck (2000) entende que não é possível continuar-se a olhar para a sociedade como tendo principal eixo identitário e de segurança baseado no trabalho, ao mesmo tempo em que o desemprego não abranda o seu crescimento. O autor

entende que a divisão da exposição aos riscos cria uma nova estrutura de classe, criando uma forma de estruturalismo das técnicas. É importante conhecer os riscos para evitar possíveis desastres globais ou locais, identificar o que é necessário preservar e assim, mesmo que utópico, procurar construir uma sociedade mais responsável e reflexiva, que tenha consciência dos riscos e que busque solucioná-los.

Para Giddens (1993) as sociedades tradicionais ou pré-modernas são tidas como baseadas sobre relações sociais as quais são encaixadas no tempo e espaço. Isto acontece pela proximidade que o trabalhador tem da natureza, por causa da sua confiança na agricultura como meio de subsistência, então por isso o senso temporal do trabalhador geralmente é baseado em estações. O tempo para este trabalhador é cíclico (baseado em estações) e local, por isso, pode-se dizer que as populações interioranas demorem mais para perceberem as transformações que ocorrem dentro da própria comunidade, que é o caso da população indígena Kaingang, pois vivem em um mundo físico próprio deles, mas não imune a globalização.

Giddens (1993) aponta para a invenção do relógio como um marco importante para a transição das sociedades tradicionais para as modernas. O relógio não é baseado no tempo sazonal, mas num tempo social e artificial. Esta noção de tempo é linear e não cíclica e, portanto pode ser usada para previsões. Igualmente, o relógio permite uma medida de tempo universal e não, como era o caso, de noções tradicionais de tempo, para uma definição um tanto rústica. Tal noção moderna de tempo ajuda a produzir um sentimento entre os indivíduos de que o mundo está encolhendo. As distâncias passaram a diminuir a partir do momento que as comunidades começaram a calibrar seu senso de tempo com o de outra comunidade do outro lado do globo. Para ele o processo de modernização "distanciou" os indivíduos e as comunidades das sociedades tradicionais destas noções estreitas de tempo, espaço e status.

Resumindo, Giddens diz que a modernização e a modernidade são baseadas em um processo, segundo o qual uma idéia fixa e estreita de "lugar" e "espaço" (que prevalece nos tempos modernos) é gradualmente destruída por um conceito de "tempo universal". Giddens descreve isso como uma chave para o processo de desencaixe.

Giddens sugere que existem dois tipos de mecanismos de desencaixe: Fichas simbólicas (exemplo o dinheiro) e Sistemas Peritos. As comunidades tradicionais foram marcadas pelos mercados e feiras locais. Entretanto, em muitos casos esses mercados eram um suplemento para a atividade essencial e básica de auto-suficiência do trabalhador caseiro, o qual produzia seus próprios meios de subsistência da agricultura. O dinheiro tinha um valor limitado para tais artesões por que suas trocas econômicas eram baseadas em impressões de valores locais e particulares.

A modernização destruiu tais formas e as substituiu com uma forma de trocas "universal": o dinheiro. O dinheiro passou a agir como meio de troca geral e universal, ao contrário das trocas particulares e locais entre os indivíduos. O Dinheiro foi então capaz de mover os indivíduos de contexto local a global e pode então estabelecer relações sociais através do tempo e do espaço. A globalização acelerou o processo que começou com a modernização. Tanto que a população comunidade indígena Kaingang, sai muitas vezes ao ano, viajando por todo o Brasil para vender o artesanato que produzem para conseguir mais dinheiro e assim poder sobreviver. Não conseguem mais viver da agricultura de subsistência, pois o que produzem não chega mais para sobreviver, isso porque está consumindo mais coisas, resultado

da modernidade e da globalização, que oferece mais bens de consumo para as pessoas.

CONCLUSÃO

Ao concluir esse trabalho, percebe-se que a globalização atinge direta ou indiretamente todas as pessoas do mundo, independentes de sua vontade. Não há como esconder-se ou exilar-se para ficar longe delas. Até as poucas populações indígenas, que ainda conseguem manter-se isoladas em meio à selva, sofrem as consequências da globalização, que é causa/consequência ou vice versa da modernização, uma vez que são atingidas pelos efeitos climáticos e desequilíbrios naturais que vem ocorrendo atualmente.

Sendo assim, a comunidade Indígena Kaingang de Engenho Velho/RS Brasil também sofre os efeitos da globalização e o povo vem alterando seus hábitos de vida bem como toda sua identidade cultural ao estarem vivenciando essas transformações mundiais.

O povo Kaingang que no princípio vivia de caça e de pesca, hoje já não consegue sobreviver disso porque nem grandes áreas de mata tem dentro da reserva, pois a base econômica é a agricultura, o que já os descaracteriza. As áreas agrícolas são arrendadas a não indígenas, sendo praticado a monocultura de soja, milho e trigo, devido isso sobra poucos espaços para o plantio da agricultura de subsistência o que demanda, ainda mais, o comércio de artesanatos em várias parte do Brasil, para assim conseguir sobreviver.

Percebe-se também a influência da globalização na maneira de organizarem-se dentro da comunidade. Antes construíam suas casas umas próximas das outras, formando uma comunidade, para ficarem próximos uns dos outros. Hoje percebe-se que as casas já estão espalhadas por toda a Reserva indígena e isso, também reflete que o seu modo de viver e se organizar está se tornando mais individualista, isolando-se um pouco mais uns dos outros e isso pode ser porque os interesses dos mesmos já não sejam mais os mesmos, ou seja, cada família luta por seus objetivos e não mais pelo interesse da comunidade, como era antigamente.

A globalização influencia também no modo de se vestirem e de falarem, pois os jovens e adolescentes pouco a pouco não exercitam mais o idioma kaingang porque tem vergonha ou porque não os interessa mais. Uma mudança muito clara que pode ser percebida são os hábitos alimentares, cada vez mais consomem comidas e bebidas industrializadas. Por isso também começam a serem portadores de doenças como diabetes, obesidade e câncer, doenças que eram desconhecidas aos indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BAUMAN, Zygmunt. **Modernidad Líquida**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012. BECK, Ulrich. "Retorno a la teoría de la 'Sociedad del Riesgo'". En: **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, N° 30. Madrid: Ed. AGE-CSIC, 2000, pp. 9-20. GIDDENS, Anthony. **Consecuencias de la modernidad**. Madrid: Alianza Editorial. Sección I, pp. 15 – 59, 1993. LIPOVETSKY, Gilles. **La era del vacío**. Ensayos sobre el individualismo contemporáneo. Barcelona: Editorial Anagrama. Capítulos: "Prefacio" y "Narciso o la estrategia del vacío", 2014. STIGLITZ, Joseph. **El malestar en la globalización**. Buenos Aires: Taurus. Capítulo 1: "La promesa de las instituciones globales", 2002.

* Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas; Bacharel em Informática pela Universidade Regional Integrada/URI; Especialista em Gestão Educacional pela Universidade Federal de Santa Maria; Especialista em Mídias na Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense; Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares pela Portal Faculdades e Mestranda em Ciências da Educação - Universidad Del Salvador (USAL). E-mail: [piranfrigeri@bol.com](mailto:piranfrigeri@bol.com.br)

.br

Recebido em: 11/05/2016

Aprovado em: 15/05/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: